



CCB

filme do

DESASSOSSEGO

DE JOÃO BOTELHO

a partir do Livro de Fernando Pessoa

ar:de filmes



filme do
DESASSOSSEGO
a partir do Livro de Fernando Pessoa

Produção Ar de FILMES

Filme apoiado pelo
MINISTÉRIO DA CULTURA/ICA | CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN | RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL

Com CLÁUDIO SILVA
e ALEXANDRA LENCASTRE | ANA MOREIRA | ANDRÉ GOMES | ANTÓNIO PEDRO CERDEIRA
CARLOS COSTA | CATARINA WALLESTEIN | DINIS GOMES | FILIPE VARGAS | JOSÉ EDUARDO
LUÍSA CRUZ | MANUEL JOÃO VIEIRA | MARCELLO URGEGHE | MARGARIDA VILA-NOVA
MIGUEL GUILHERME | MIGUEL MOREIRA | MÓNICA CALLE | PAULO FILIPE | PEDRO LAMARES
RICARDO AIBÉO | RITA BLANCO | RUI MORRISON | SOFIA LEITE | SUZANA BORGES

Adaptado do *Livro do Desassossego* de Bernardo Soares,
ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa de Fernando Pessoa

Canções de
CAETANO VELOSO | CARMINHO | LULA PENA | RICARDO RIBEIRO | NBC

Música de
AZNAVOUR, AFONSO X, *O Sábio*, BRAHMS, BARTÓK, MOZART, BACH

Ópera MARCHA FÚNEBRE PARA O REI LUÍS SEGUNDO DA BAVIERA de EURICO CARRAPATOSO
com ANGÉLICA NETO e ELSA CORTEZ

Fotografia JOÃO RIBEIRO
Som FRANCISCO VELOSO
Direcção artística SÍLVIA GRABOWSKI
Caracterização SANO DE PERPESSAC
Montagem JOÃO BRAZ
Mistura de som JOÃO ELEUTÉRIO e PAULO ABELHO
Assistência de realização PAULO GUILHERME
Direcção de produção DIANA COELHO
Produtor ALEXANDRE OLIVEIRA
Argumento e realização JOÃO BOTELHO

29 Set 2010 \ Grande Auditório_21h30 (estreia)

1\2\3 Out 2010 \ Pequeno Auditório – Sala Eduardo Prado Coelho

1>21h30 \ 2 e 3 > 17h e 21h30

Co-produção CCB/Ar de Filmes



NOTA DO REALIZADOR

O *Livro do Desassossego*, "composto" por um misterioso e modesto ajudante de guarda-livros de nome Bernardo Soares, inventado por Fernando Pessoa, está traduzido em 37 idiomas e espalhado pelo mundo inteiro. É o livro mais lido e divulgado do poeta, essa labiríntica e inigualável aventura literária.

"A minha pátria é a língua portuguesa", esta frase do *Livro do Desassossego* que é "a nossa maior invenção desde as Descobertas", como afirmou Eduardo Lourenço, levou-me a enfrentar este mar de textos transformado numa obra universalmente conhecida, armadilha de um génio, puzzle perfeito porque não tem fim e genial porque todas as soluções são diferentes e nenhuma é definitiva. "É impossível filmar o *Livro do Desassossego*", diziam-me todos. "Talvez", disse eu, mas a partir de um texto que não tem tempo e não tem igual, foi-me possível criar um *Filme do Desassossego* (que não pretende ser o livro, outra coisa é o cinema, que não arte literária!) não em nome da experimentação ou da artística diletância, mas em nome do cinema que eu amo acima de tudo, e da língua, que é também a minha pátria. Há no *Livro do Desassossego* dois pequenos e preciosos textos que foram decisivos para estruturar o filme e o modo de filmar.

Um sobre a autonomia grandiosa do som dos textos que, quando são lidos em voz alta ou voz baixa, se elevam muito para cima do seu criador, tornando a escrita maior que o sujeito que a criou; e, outro, sobre a noção de tempo, a sua distorção, ideias que se ajustam na perfeição à noção do tempo cinematográfico. Há ainda uma pequena frase maravilhosa sobre a luz: "A mesma luz que ilumina a face dos santos e os sapatos do homem comum." Não foi preciso mais nada para eu ficar contente. Alcançar o grão da voz, encontrar os ritmos de música verdadeira e grandiosa dos fragmentos do livro. Leiam-no em voz alta ou voz baixa, como diz Pessoa. O aperto que sentem no peito não é de gloriosa felicidade? Os olhos não ficam rasos de lágrimas e o cérebro efervescente? Distorcer o tempo e as imagens, pôr em causa o modo de as ver (utilização de diferentes velocidades, ralentis, acelerações e até lentes anamórficas, embaciadas, desfocadas) pintar o espaço com cores excessivas, não realistas, mas também fazê-las esmorecer, quase desaparecer, chegar aos tons secos, e até à pureza da gama de cinzentos, do preto e do branco. Bernardo Soares, um homem contemporâneo, de aspecto normal, indecifrável do comum dos mortais, mas com a angústia e o tédio desesperado de um funcionário modesto, e Lisboa uma cidade misteriosa, labiríntica e profunda, de inquestionável beleza e luminosidade. "Oh, Lisboa meu lar!" Todos os outros personagens e todos os incidentes que os envolvem são, na vertigem dos sons das frases que os fazem existir, parte do desassossego do ano 2010 da nossa era. JOÃO BOTELHO • Setembro de 2010



SINOPSE

*Serei sempre da Rua dos Douradores,
como a humanidade inteira.*

Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*.

Lisboa, hoje. Um quarto de uma casa na Rua dos Douradores. Um homem inventa sonhos e estabelece teorias sobre eles. A própria matéria dos sonhos torna-se física, palpável, visível. O próprio texto torna-se matéria na sua sonoridade musical. E, diante dos nossos olhos, essa música sentida nos ouvidos, no cérebro e no coração, espalha-se pela rua onde vive, pela cidade que ele ama acima de tudo e pelo mundo inteiro. Filme desassossegado sobre fragmentos de um livro infinito e armadilhado, de uma fulgurância quase demente mas de genial claridade. O momento solar de criação de Fernando Pessoa. A solidão absoluta e perfeita do EU, sideral e sem remédio. “Deus sou eu!”, também escreveu Bernardo Soares.

JOÃO BOTELHO

Nasce a 11 de Maio de 1949 em Lamego, Portugal.

Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Dirigente do CITAC. Cineclubes de Coimbra e Porto. Professor na Escola Técnica de Matosinhos. Ilustrador de livros infantis e artes gráficas a partir de 1970. Escola de Cinema do Conservatório Nacional. Crítico de cinema em jornais e revistas. Funda a revista de cinema *M*. Inicia-se na realização com duas curtas-metragens para a RTP e o documentário de longa-metragem *Os Bonecos de Santo Aleixo* para a Cooperativa Paz dos Reis. Filmes premiados nos festivais de Figueira da Foz, Antuérpia, Rio de Janeiro, Veneza, Berlim, Salsomaggiore, Pesaro, Belfort, Cartagena, etc. Distinguido por duas vezes com o prémio da OCIC, da Casa da Imprensa e dos Sete de Ouro. Todas as longas-metragens tiveram exibição comercial em Portugal, quase todas em França, e algumas em Inglaterra, na Alemanha, em Itália, em Espanha e no Japão. Teve retrospectivas integrais em Bêrgamo (1996), com edição de uma monografia sobre a obra em La Rochelle (1998), e na Cinemateca de Luxemburgo (2002). Distinguido com a Comenda da Ordem do Infante, de mérito cultural (2005).

ALGUNS FILMES • 1980 CONVERSA ACABADA \ **1985** UM ADEUS PORTUGUÊS \ **1987** TEMPOS DIFÍCEIS \ **1991** NO DIA DOS MEUS ANOS \ **1993** AQUI NA TERRA \ **1994** TRÊS PALMEIRAS \ **1998** TRÁFICO \ **2001** QUEM É TU? \ **2003** A MULHER QUE ACREDITAVA SER PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA \ **2005** O FATALISTA \ **2007** A TERRA ANTES DO CÉU \ **2008** A CORTE DO NORTE \ **2009** PARA QUE ESTE MUNDO NÃO ACABE \ **2010** OH, LISBOA MEU LAR! \ **2010** FILME DO DESASSOSSEGO



Inquietação, receio, agitação,
perturbação, alvoroço
(definições dos dicionários para desassossego)

Muitos disseram que ao se confrontar com o *Livro do Desassossego*, João Botelho ia abordar uma tarefa impossível. Mas Botelho não se deixou intimidar pelo prestígio, a vastidão e a complexidade do texto de Pessoa. Não o abordou com a intenção de o ilustrar, mas num diálogo com uma matéria preexistente, num verdadeiro trabalho de encenação, não a encenação de uma história, mas a encenação de palavras e de ideias.

Tudo começa do modo mais simples: o encontro entre Fernando Pessoa e Bernardo Soares, que é mais um *alter-ego* do que um heterónimo. Pessoa é caracterizado com os óculos e a *gabardine* a que o associamos (mas sem bigode), Bernardo Soares é um homem de trinta anos dos nossos tempos, com a cara e a roupa de um homem de hoje. Num bar nocturno e soturno, que podia estar na Lisboa dos anos 30 como na de hoje, ambos começam por observar uma cena que pode ter lugar em qualquer cidade e em qualquer época: um grupo de ricos que vem se acanhar com a “plebe” e a aventura acaba por lhes correr mal. Depois desta abertura, o espectador é levado por uma série de espaços de Lisboa, com a presença constante do *Livro do Desassossego*. Passamos por modestos quartos, assistimos ao enterro de uma criança, vemos pessoas que saem pelas ruas e pessoas que vivem na rua, uma manifestação política (só os pés dos manifestantes, nenhum *slogan*), uma mãe de família que canta um fado numa praça, um pedinte no metro que ouve Caetano Veloso cantar um texto de Pessoa (duas faces da língua portuguesa), diálogos na sala e na cozinha de um restaurante (o palco e os bastidores de uma sociedade), caras diversas numa repartição de trabalho, uma festa ostensivamente rica, decadente, uma cena de uma ópera sobre Luís II da Baviera. As personagens são figuras do mosaico do mundo, são idênticas ou quase, às que vemos nas ruas, nos locais onde trabalhamos, nos teatros, nos museus, nos cafés e restaurantes, cuja presença responde às ideias expostas no texto de Pessoa. E no desenlace, tudo parece ter sido um sonho. Voltamos ao mesmo bar sinistro onde tudo começara e onde Fernando Pessoa e Bernardo Soares se tinham encontrado. Mas Pessoa recusa o manuscrito do *Livro do Desassossego* que o dono do bar lhe dá, julgando que ele se esquecera de o levar, porque o livro não é dele, é do outro, que só existe na imaginação dele. Bernardo Soares imaginara Fernando Pessoa da mesma maneira que Pessoa o imaginara, um é o sonho do outro. É como se tudo o que vemos e ouvimos fosse o fruto de uma conversa *inacabada* entre Fernando Pessoa e Bernardo Soares.

Filme do Desassossego pode parecer árduo porque é extremamente denso, mas permite que o espectador se abandone à sedução da forma. A organização do espaço, a composição dos planos, com alguns impressionantes cenários e adereços, o recorte absolutamente nítido das figuras, seduzem o espectador que se interessa pelas formas cinematográficas. *Filme do Desassossego* é muito diferente do cinema de entretenimento, mas também uma obra que dá prazer e emoção, os prazeres e a emoção que pode proporcionar a “atroz lucidez”: inquietos, receosos, agitados, perturbados, alvoroçados. Desassossegados.

ANTÓNIO RODRIGUES



O desejo de não desejar

Escreve Pessoa, prefaciador do *Livro do Desassossego*: “Nunca — eu o creio — houve criatura por fora humana que mais complexamente cedesse a sua consciência de si própria.”

Esta cedência da consciência envolve um assombramento visceralmente português (se é que num país ocupado pela pornografia telenovelsca ainda temos a serenidade ou, se for caso disso, a coragem de contemplar os fantasmas da nossa intimidade). É o assombramento de um desejo que transporta a nitidez indizível da morte. Ou ainda: o desejo de não desejar.

Esse é, afinal, o desafio sempre actual, ou melhor, sempre presente de Bernardo Soares: o de renegar qualquer certeza do destino, pensando e escrevendo num universo de tão depurada geometria emocional que, no limite, poderia dispensar a convulsão mágica do desejo. Esse é também o desafio imenso, desassossegado e cru, do filme de João Botelho: como filmar o antidesejo de desejar ser português?

Não por acaso, *Filme do Desassossego* repele a peste do determinismo televisivo. Não, não se trata de evocar um génio da cultura para ilustrar qualquer heroísmo oficial. Não, este não é o retrato de um símbolo do ser português. Desde logo, porque o herói se distingue pela sua fuga a qualquer missão que não caiba na espessura intratável do texto. Depois, porque agonizamos numa avalanche de simbologias que, nas últimas décadas, nos fizeram perder o contacto tanto com a densidade existencial do salazarismo como com as energias que, apesar de tudo, o desmantelaram.

Este é um filme orgulhosamente primitivo, “griffithiano” por método, não por revivalismo. Nele se celebra a crueza original de ser uma imagem e ser um som, essas coisas de que se faz o cinematógrafo, oferecendo-nos passaportes para o não ser que não cabe nos telejornais. “O lema que hoje mais requeiro para definição do meu espírito é o de criador de indiferenças”, Bernardo Soares *dixit*.

Num avisado axioma, Roland Barthes ensinou-nos que, nisto de cultura, o desejo tende a ser medieval. Talvez isso nos ajude a dizer o que aqui acontece: *Filme do Desassossego* é um glorioso objecto medieval. Tanto pior para a modernidade. JOÃO LOPES



Conversa inacabada

Trinta anos depois de *Conversa Acabada*, a conversa continua inacabada. A primeira longa-metragem de João Botelho deu o início da nossa modernidade à luz de um diálogo. Um diálogo quase perfeito, embora angustiado, fracturado e precocemente interrompido. A correspondência entre Pessoa e Sá-Carneiro teve interlocutores reais, mas os textos é que ficam. E por isso Botelho fez “um documentário sobre poesia que progride e se resolve em drama poético”.

Filme do Desassossego sugere que o *Livro do Desassossego* é a continuação, em drama poético, dessa conversa, desta vez enquanto monólogo. Pessoa já não dialoga com um outro mas com outros dentro de si mesmo. Criou os heterónimos (entre os quais Bernardo Soares). E transforma em ficção poética aquilo que observa nas ruas da Baixa.

O carácter fragmentário do *Livro do Desassossego* é transposto para a tela através de uma sucessão de quadros que animam os textos de Pessoa. Tal como em *Conversa Acabada*, não se procura qualquer realismo, mas uma assumida encenação, que neste caso se distribui numa multiplicidade de vozes lisboetas, mais ou menos intemporais, dos burgueses aos pedintes. Trata-se, uma vez mais, de um “filme de textos”, o que não é estranho num cineasta que trabalhou Diderot e Dickens, Garrett e Agustina.

A encenação dos textos do desassossego divide-se entre o pudor e a boémia. Lisboa e os seus habitantes aparecem como um circo sentencioso, cheio de tristes alcoolizados, ridículas preciosas, aparições eróticas e Esteves da tabacaria. Pessoa ouve a gente por quem passa, e é essa gente que dá vida às palavras que ele escreveu, como se a cidade fosse um fantoche e ele um ventríloquo. Lisboa, aliás, é aqui filmada sem a menor cedência ao postal ilustrado, é uma Lisboa fantástica, quase uma Lisboa de Escher, desdobrada em formas imaginadas e impossíveis.

Já Pessoa, o funcionário cansado, parece uma criatura infotografável, como numa cena que ironiza a própria dificuldade de passar estes textos ao cinema. Pessoa é o contrário das multidões que atravessam as ruas, “não sou de multidões”, diz ele, sofre fechado em quartos e em escritórios, ameaçado por espelhos, labirintos e ventanias. Cláudio da Silva encarna com grande justeza o pudor de Pessoa (que é também o pudor de Botelho), e sofre as agruras da sua infatigável consciência, que nunca o deixa em paz.

Pessoa defendia a “dignidade do tédio”, redimida através da fúria de escrever. Foi isso que João Botelho nos deu. Tédio e fúria. Pudor e consciência. Isso a que chamamos “desassossego”. PEDRO MEXIA

• **AR DE FILMES** • **CINEMA**

PRODUÇÃO DA LONGA-METRAGEM

FILME DO DESASSOSSEGO

REALIZAÇÃO DE JOÃO BOTELHO

SUBSIDIADO PELO MC/ICA, CML,

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, RTP

PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

OH, LISBOA, MEU LARI!

REALIZAÇÃO DE JOÃO BOTELHO

SUBSIDIADO PELA CML

PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

PARA QUE ESTE MUNDO NÃO ACABEI!

REALIZAÇÃO DE JOÃO BOTELHO

SUBSIDIADO PELO MC/ICA, DIRECÇÃO REGIONAL

DE CULTURA DO NORTE, RTP

PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

A TERRA ANTES DO CÉU

REALIZAÇÃO DE JOÃO BOTELHO

SUBSIDIADO PELO MC/ICA, DIRECÇÃO REGIONAL

DE CULTURA DO NORTE, RTP

PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

A BALEIA BRANCA, UMA IDEIA DE DEUS

REALIZAÇÃO DE JOÃO BOTELHO

CO-PRODUÇÃO RTP

PÓS-PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO ESTÁDIO NOVO

REALIZAÇÃO DE JEREMY TUSON

ORGANIZAÇÃO DO "WORKSHOP DE CINEMA"

PRODUÇÃO DO FILME DE CURTA-METRAGEM

NUNCA ESTOU ONDE PENSAS QUE ESTOU;

REALIZAÇÃO DE JORGE CRAMEZ

SUBSIDIADO PELO MC/ICA, RTP

• **TEATRO**

PRODUÇÃO DE PRÍNCIPE DE HOMBURGO

DE HEINRICH VON KLEIST,

APOIO MC/DGARTES, CCB, TNSJ

PRODUÇÃO DE ROMANCERO GITANO

DE FEDERICO GARCIA LORCA,

APOIO MC/DGARTES, EGEAC

PRODUÇÃO DE DEUS.PÁTRIA.REVOLUÇÃO

DE LUÍS BRAGANÇA GIL E LUÍSA COSTA GOMES,

APOIO MC/DGARTES, CCB, TNSJ

PRODUÇÃO DE A FARSA DAS CIGANAS

DE GIL VICENTE E FEDERICO GARCIA LORCA,

APOIO EGEAC

PRODUÇÃO DE SAY IT WITH FLOWERS

DE GERTRUDE STEIN,

APOIO MC/DGARTES

CO-PRODUÇÃO COM MAGNÍFICAS PRODUÇÕES DE

A NOITE DOS ASSASSINOS DE JOSÉ TRIANA

PRODUÇÃO DE AUTO DA ÍNDIA DE GIL VICENTE,

APOIO MC/DGARTES, IGESPAR

PRODUÇÃO DE AUTO DA BARCA DO INFERNO

DE GIL VICENTE,

APOIO MC/DGARTES, IGESPAR

PRODUÇÃO DO ESPECTÁCULO MOBY DICK,

ENCENAÇÃO DE ANTÓNIO PIRES,

APOIO EGEAC/S.LUIZTM

PRODUÇÃO DA PEÇA MORTE DE ROMEU E JULIETA

ENCENAÇÃO DE ANTÓNIO PIRES

APOIO MC/DGARTES E INSTITUTO CAMÕES

• **CCB • CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**

ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE]

ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL]

MARGARIDA VEIGA [VOGAL]

ASSESSORA PARA A PROGRAMAÇÃO

GABRIELA CERQUEIRA

CONSULTOR PARA A PROGRAMAÇÃO DE LITERATURA

JOÃO PAULO COTRIM

• **CENTRO DE ESPECTÁCULOS**

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS

MIGUEL LEAL COELHO

ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO

LUÍSA TAVEIRA

ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO

CLÁUDIA BELCHIOR

ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO DE MÚSICA

FRANCISCO SASSETTI

ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO

RITA BAGORRO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO

LUISA INÉS

PRODUÇÃO

CARLA RUIZ | INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | VERA ROSA

DIRECTOR DE CENA COORDENADOR

JONAS OMBERG

DIRECTORES DE CENA

PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA | JOSÉ VALÉRIO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA

YOLANDA SEARA

DIRECTOR TÉCNICO

PAULO GRAÇA

CHEFE TÉCNICO DE PALCO

RUI MARCELINO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA

SOFIA MATOS

TÉCNICOS PRINCIPAIS

PEDRO CAMPOS | LUÍS SANTOS | RAUL SEGURO

TÉCNICOS EXECUTIVOS

ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES

JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS MÁRIO SILVA

RICARDO MELO | RUI CROCA

CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS

NUNO GRÁCIO

TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS

RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS

NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS

CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO

SIAMANTO ISMAILY

TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO

JOÃO SANTANA | LUÍS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA





FILME DO DESASSOSSEGO
DIGRESSÃO NACIONAL 2010

SETEMBRO

29 ESTREIA_CCB_GRANDE AUDITÓRIO_21H30

OUTUBRO

- 1 CCB PEQUENO AUDITÓRIO_21H30
- 2 CCB PEQUENO AUDITÓRIO - SALA EDUARDO PARDO COELHO_17H/21H30
- 3 CCB PEQUENO AUDITÓRIO - SALA EDUARDO PARDO COELHO_17H/21H30
- 7 TEATRO NACIONAL DE SÃO JOÃO_21H30
- 8 TEATRO NACIONAL DE SÃO JOÃO_15H/ 21H30
- 9 TEATRO NACIONAL DE SÃO JOÃO_21H30

ARCOS DE VALDEVEZ . FAMILICÃO . BRAGA . MONTALEGRE . VILA REAL . FIGUEIRA DA FOZ . COIMBRA .
ESTARREJA . CASCAIS . BEJA . LEIRIA . ODIVELAS . VISEU . FUNCHAL . CASTELO BRANCO . GUARDA . FUNDÃO .
SANTARÉM . SINTRA . PORTIMÃO . ALMADA . ÉVORA . TAVIRA . GUIMARÃES . LAMEGO . PONTA DELGADA